



A retomada da economia começa a tomar melhores proporções, mais solidez, especialmente pela melhor distribuição setorial do crescimento, do crescimento observado (IBC-Br) em 4 das 5 regiões do Brasil e da melhoria da confiança dos agentes econômicos (influenciada pela queda da taxa de juros, redução da inflação e a melhora nos indicadores do mercado de trabalho), para além da expressiva expansão agrícola do primeiro trimestre e das medidas de estímulo ao consumo com a liberação dos saques do FGTS no segundo trimestre.

O resultado do último trimestre, em relação ao trimestre anterior, foi marcado por uma variação positiva do PIB de 0,15%, caracterizando a terceira alta consecutiva na comparação com os três meses anteriores. Pela ótica da oferta, houve crescimento na indústria (0,81%, puxado principalmente pela expansão de 1,44% da indústria de transformação) e nos serviços (+0,63%), sobretudo pelo avanço de 1,62% do comércio; enquanto que a agropecuária registrou queda de 3,04%. Na métrica interanual, o PIB avançou 1,44%, significando o melhor resultado desde 2014q1. O PIB dos três primeiros trimestres gerou um efeito *carry over* de 0,97% para o restante do ano, o que significa dizer que se a economia permanecer estável no quarto trimestre, o PIB de 2017 avançará quase 1%. Por falar em *carry over*, podemos verificar que esse efeito na construção civil é da ordem de -5,07%, o que nos mostra a dificuldade pela qual esse setor vem passando, acumulando uma queda de 14 trimestres consecutivos na comparação interanual.

Pela ótica da demanda, houve retração do consumo do governo pelo quinto trimestre consecutivo (-0,21%, reflexo do ajuste fiscal em curso). Por outro lado, o crescimento do PIB pode ser creditado ao consumo das famílias – favorecido pela melhora da massa salarial real, menor endividamento das famílias (parte dos saques do FGTS foi utilizada pelas famílias para quitar dívidas), redução da taxa de juros e pela desaceleração da inflação –, que registrou crescimento de 1,17%, favorecendo a expansão do setor de serviços. Importante ressaltar que, mesmo sem liberação de FGTS nesse trimestre, o consumo das famílias continuou crescendo. Nesse sentido, o consumo está crescendo em bases mais sustentáveis. Na comparação interanual, o consumo das famílias cresce por 2 trimestres consecutivos, após interromper 9 trimestres de queda. Ademais, o crescimento do PIB resultou também do importante avanço de 1,64% da formação bruta de capital fixo (FBCF), interrompendo uma sequência de quedas de 15 trimestres seguidos, o que pode dar mais força à retomada do crescimento, até então concentrado no consumo das famílias. Ainda assim, em meio às incertezas do cenário fiscal e eleitoral, a taxa de investimento de 16,17% registra o menor valor, para o terceiro trimestre, da série histórica iniciada em 1995. Percebemos, então, que o investimento foi, e continua sendo, o elemento mais impactado pela crise, o que afeta diretamente o produto potencial. Quanto ao setor externo, houve uma expansão de 4,06% das exportações e de 6,65% das importações.

Assim, podemos visualizar que a recuperação em curso, apesar de gradual, vem ganhando força, criando bases mais sólidas para um crescimento mais robusto em 2018. Entretanto, incertezas do cenário político-eleitoral e de desequilíbrio fiscal dos entes federados ainda sinalizam um alerta acerca da retomada sustentável da economia.